

TEMA :

Memória da resistência e da reconquista da liberdade e da democracia.

Exposição produzida em 2019 no âmbito das comemorações do 45º aniversário do 25 de Abril pela Associação dos Pensionistas e Idosos e Reformados (Oeiras), com apoio da Associação 25 de Abril.

ESTRUTURA LÓGICA:

A exposição parte do texto do escritor Mário de Carvalho com o mesmo título, ilustrado por fotografais da época e abrange aos anos de 1958 a 1954

ESTRUTURA FÍSICA:

5 painéis 80x200cm em tela impressa a cores, com ilhós em cima e ao fundo.

Pode ser exposta no exterior.

Total de área de exposição: cerca de 8 m²

CONDIÇÕES DE CEDÊNCIA E ITINERÂNCIA:

Espaço: ca 10 m lineares

Encargos vossos:

- Transporte dos materiais da exposição: (Coimbra/local/ Coimbra)
- Equipamento: painéis/paredes de exposição ou calha e 10 varetas (para suspensão dos 5 painéis).

Custos: Empréstimo por períodos de cerca de um mês.

Valor capital da exposição a segurar: 1750 euros

"DENEGAÇÃO POR ANÁFORA MERENCÓRIA" – 1945 a 1958

Texto de Mário de Carvalho (escritor)



Eu nunca fui obrigado a fazer a saudação fascista aos «meus superiores».

Eu nunca andei fardado com um uniforme verde e amarelo de S de Salazar à cintura.

Eu nunca marchei, em ordem unida, aos sábados, com outros miúdos, no meio de cânticos e brados militares.

Eu nunca vi os colegas mais velhos serem levados para a «milícia», para fazerem manexo de arma com a Mauser.

Eu nunca fui arregimentado, dias e dias, para gigantescos festivais de ginástica no Estádio do Jamor.



Eu nunca assisti ao histerismo generalizado em torno do «Senhor Presidente do Conselho», nem ao servilismo sabujo para com o «venerando Chefe do Estado».

Eu nunca fui sujeito ao culto do «Chefe», «chefe de turma», «chefe de quina», «chefe dos contínuos», «chefe da esquadra», «chefe do Estado».



Eu nunca fui obrigado a ouvir discursos sobre «Deus, Pátria e Família».

Eu nunca ouvi gritar: «quem manda? Salazar, Salazar, Salazar».

Eu nunca tive manuais escolares que ironizassem com «os pretos» e com «as raças inferiores».



Eu nunca me apercebi do «dia da Raça».

Eu nunca ouvi louvar a acção dos «Viriatos» na Guerra de Espanha.

Eu nunca fui obrigado a ler textos escolares que convidassem à resignação, à pobreza e ao conformismo.

Eu nunca fui pressionado para me converter ao catolicismo e me «baptizar».



Eu nunca fui em grupos levar géneros a pobres, politicamente seleccionados, porque era mesmo assim.

Eu nunca assisti à miséria fétida dos hospitais dos indigentes.

Eu nunca vi os meus pais inquietados e em susto.

Eu nunca tive que esconder livros e papéis em casa de vizinhos ou amigos.



Eu nunca assisti à apreensão dos livros do meu pai.

Eu nunca soube de uma cadeia escura chamada o Aljube em que os presos eram sepultados vivos em «curros».

Eu nunca convivi com alguém que tivesse penado no Tarrafal.



Eu nunca soube de gente pobre espancada, vilipendiada e perseguida (...)

Eu nunca vi o meu pai preso e nunca fui impedido de o visitar durante dias a fio enquanto ele estava «no sono».

Eu nunca fui interpelado e ameaçado por guardas quando olhava, de fora, para as grades da cadeia.



ASSOCIAÇÃO DE REFORMADOS E PENSIONISTAS E IDOSOS DA FREGUESIA DE OEIRAS E S. JULIÃO DA BARRA



CENTRO QUALIFICA



Escola Secundária QUINTA DO MARQUÊS

ESCOLA SECUNDÁRIA SEBASTIÃO E SILVA

OEIRAS VALLEY PORTUGAL

MUNICÍPIO OEIRAS

"DENEGAÇÃO POR ANÁFORA MERENCÓRIA" – 1959 a 1965

Texto de Mário de Carvalho (escritor)



Eu nunca fui capturado no castelo de S. Jorge por um legionário, por estar a falar inglês sem ser «intérprete oficial».

Eu nunca fui conduzido à força a uma cave, no mesmo castelo, em que havia fardas verdes e cães pastores alemães.

Eu nunca vi homens e mulheres a sofrer na cadeia da vila por não quererem trabalhar de sol a sol.

Eu nunca soube de alentejanos presos, às ranchadas, por se encontrarem a cantar na rua.



Eu nunca assisti a umas eleições falsificadas, nunca vi uma manifestação espontânea ser reprimida por cavalaria à sabrada; eu nunca senti os tiros a chicotear as paredes de Lisboa, em Alfama, durante o Primeiro de Maio.

Eu nunca assisti a um comício interrompido, um colóquio desconvidado, uma sessão de cinema proibida.



Eu nunca presenciei a invasão dum cineclube de jovens com roubo de ficheiros, gente ameaçada, cartazes arrancados.

Eu nunca soube do assalto à Sociedade Portuguesa de Escritores, da prisão dos seus dirigentes.

Eu nunca soube da lei do silêncio e da damnatio memoriae que impedia sobre os mais prestigiados intelectuais do meu país.



Eu nunca fui confrontado quotidianamente com propaganda do estado corporativo e nunca tive de sofrer as campanhas de mentalização de locutores, escribas e comentadores da Rádio e da Televisão.

Eu nunca me dei conta de que houvesse censura à imprensa e livros proibidos.



Eu nunca ouvi dizer que tinha havido gente assassinada nas ruas, nos caminhos e nas cadeias.

Eu nunca baixei a voz num café, para falar com o companheiro do lado.

Eu nunca tive de me preocupar com aquele homem encostado ali à esquina.



Eu nunca sofri nenhuma carga policial por reclamar «autonomia» universitária.

Eu nunca vi amigos e colegas de cabeça aberta pelas coronhas policiais.

Eu nunca fui levado pela polícia, num autocarro, para o Governo Civil por indicação de um reitor celerado.



ASSOCIAÇÃO DE REFORMADOS PENSIONISTAS E IDOSOS DA FREGUESIA DE OEIRAS E S. JULIÃO DA BARRA



CENTRO QUALIFICA



Escola Secundária QUINTA DO MARQUÊS



ESCOLA SECUNDÁRIA SEBASTIÃO E SILVA



OEIRAS VALLEY PORTUGAL



MUNICÍPIO OEIRAS

"DENEGAÇÃO POR ANÁFORA MERENCÓRIA" – 1966 a 1974

Texto de Mário de Carvalho (escritor)



Eu nunca vi o meu pai ser julgado por um tribunal de três juizes carrascos por fazer parte do «organismo das cooperativas», do PCP, com alguns comerciantes da Baixa, contabilistas, vendedores e outros tenebrosos subversivos.

Eu nunca fui sistematicamente seguido por brigadas que utilizavam um certo Volkswagen verde.



Eu nunca tive o meu telefone vigiado.

Eu nunca fui impedido de ler o que me apetecia, falar quando me ocorria, ver os filmes e as peças de teatro que queria.

Eu nunca fui proibido de viajar para o estrangeiro.

Eu nunca fui expressamente bloqueado em concursos de acesso à função pública.

Eu nunca vi a minha vida devassada, nem a minha correspondência apreendida.



Eu nunca fui precedido pela informação de que não «oferecia garantias de colaborar na realização dos fins superiores do Estado».

Eu nunca fui objecto de comunicações «a bem da nação».

Eu nunca fui preso.

Eu nunca tive o serviço militar ilegalmente interrompido por uma polícia civil.

Eu nunca fui julgado e condenado a dois anos de cadeia por actividades que seriam perfeitamente quotidianas e normais noutro país qualquer.



Eu nunca estive onze dias e onze noites, alternados, impedido de dormir, e a ser quotidianamente insultado e ameaçado.

Eu nunca tive alucinações, nunca tombei de cansaço.

Eu nunca conheci as prisões de Caxias e de Peniche.

Eu nunca me dei conta, aí, de alguém que tivesse sido perseguido, espancado e privado do sono.



Eu nunca estive destinado à Companhia Disciplinar de Penamacor.

Eu nunca tive de fugir clandestinamente do país.

Eu nunca vivi num regime de partido único.

Eu nunca tive a infelicidade de conhecer o fascismo.



ASSOCIAÇÃO DE REFORMADOS PENSIONISTAS E IDOSOS DA FREGUESIA DE OEIRAS E S. JULIÃO DA BARRA



CENTRO QUALIFICA



Escola Secundária QUINTA DO MARQUÊS



ESCOLA SECUNDÁRIA SEBASTIÃO E SILVA



OEIRAS VALLEY PORTUGAL

MUNICÍPIO OEIRAS

O QUANTO ERA PENOSO SER IDOSO, NESSES ANOS 60

SISTEMA PÚBLICO DE SEGURANÇA SOCIAL

Chegou-se ao 25 de Abril de 1974 com um sistema de previdência social que vinha de 1962 (as Caixas de Previdência) e um sistema de assistência que oferecia uma protecção social muito limitada.

- Em 1970, o nº total de pensionistas era cerca de 260 mil (em 2017, mais de 3,6 milhões)
- A proporção de mulheres com mais de 65 anos que recebia pensões era muito baixa e os valores eram miseráveis;
- Não existia pensão social destinada a pessoas que não tivessem descontado para a previdência.

Em 1973/74, 43.2% dos indivíduos portugueses era considerado pobre.

Silva, Manuela (1984),
«Uma estimativa da pobreza em Portugal em abril de 1974».



A SAÚDE EM PORTUGAL

Antes do 25 de Abril de 1974, a saúde era constituída pelas misericórdias, pelos Serviços Médico-Sociais, prestavam cuidados médicos aos beneficiários da Federação de Caixa de Previdência e os Hospitais estatais, que se encontravam principalmente localizados nos grandes centros urbanos.

À época, os serviços privados eram dirigidos exclusivamente aos ricos...



NA DÉCADA DE 60 ERA ASSIM:

- Não havia Centros de Saúde
- O nível da cobertura de cuidados médicos era de apenas 18% da população (a média europeia era de 70,9%), os idosos eram os mais excluídos;
- Em 1965 havia, por 100 mil habitantes, apenas 87 médicos e 125 enfermeiros (em 2017 existiam já 504 médicos e 695 enfermeiros para 100 mil habitantes);
- Quanto aos gastos públicos, em 1969, Portugal gastava 1,7% do PIB com a saúde comparativamente aos 3,8% da média europeia para o mesmo ano (em 2017 a despesa com a saúde atingiu 8,9% do PIB).



Em 1960 a esperança de vida era de 63,04 anos e em 1972 era de 68,32 anos (em 2016 era já superior aos 81 o número aproximado de anos que um grupo de indivíduos nascidos no mesmo ano irá viver, se mantidas as mesmas condições desde o seu nascimento).



ASSOCIAÇÃO DE REFORMADOS PENSIONISTAS E IDOSOS DA FREGUESIA DE OEIRAS E S. JULIÃO DA BARRA



CENTRO QUALIFICA



Escola Secundária QUINTA DO MARQUÊS



ESCOLA SECUNDÁRIA SEBASTIÃO E SILVA



MUNICÍPIO OEIRAS

GUERRA COLONIAL GERA O GOLPE QUE O POVO TRANSFORMA NA REVOLUÇÃO DE ABRIL



GUERRA COLONIAL	1961 - 1974
DE FÓRMAS DE MORTE	100.000
DE MILITARES DEFICIENTES	100.000
DE MILITARES FÉLICES	10.000

A LUTA CONTRA O COLONIALISMO E A GUERRA COLONIAL - DUAS DETERMINANTES DO GOLPE MILITAR

«Até ao começo das guerras em África, toda a oposição, excepto os comunistas, aceitava, embora com diferenças, que Portugal e as suas colónias formavam uma unidade política. (...)

A Guerra Colonial (1961 – 1974) constituiu a motivação dominante do MFA para conceber e preparar um golpe de Estado contra o regime...

O POVO SAI À RUA E TRANSFORMA O GOLPE EM REVOLUÇÃO DE ABRIL

A ALIANÇA POVO-MFA



MARCOS NA CONSAGRAÇÃO DOS DIREITOS DOS REFORMADOS

Direito de associação - Concretizado com a publicação do Decreto-Lei 594/74.

Direito à pensão de reforma e de invalidez - Em Maio de 1974, através do Decreto-Lei 217/74.

Criação da pensão social - No mesmo Decreto-Lei.

Instituição do 13.º mês e do subsídio de férias - O Decreto-Lei 724/74 instituiu o direito ao subsídio de Natal para todos os pensionistas.

Direito à pensão de sobrevivência - Ainda no âmbito das pensões foi decidida a atribuição da pensão de sobrevivência a todos os familiares dos trabalhadores e pensionistas falecidos.

Direito à saúde - Ficou estabelecido no artigo 64.º da Constituição da República Portuguesa. Três anos depois a Lei 56/79 criou o Serviço Nacional de Saúde (SNS).

Direito à habitação - Consagrado o direito, viria a determinante a acção do poder local democrático.

Apoios sociais - Outra das conquistas de Abril foi a criação de uma rede de equipamentos sociais de apoio aos idosos, se bem que ainda insuficiente face às necessidades existentes, com a criação, nomeadamente, de estruturas de apoio domiciliário e de lares de 3.ª idade.



A nova **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA**,

aprovada em 1976 veio a consagrar direitos nunca antes reconhecidos



ASSOCIAÇÃO DE REFORMADOS PENSIONISTAS E IDOSOS DA FREGUESIA DE OEIRAS E S. JULIÃO DA BARRA



CENTRO QUALIFICA



Escola Secundária QUINTA DO MARQUÊS



ESCOLA SECUNDÁRIA SEBASTIÃO E SILVA



OEIRAS VALLEY PORTUGAL MUNICÍPIO DE OEIRAS